

Diário do Povo

OPINIÃO

Campinas, sábado, 9 de maio de 1998

DESEMPREGO

As maiores vítimas

EVARISTO EDUARDO DE MIRANDA

Novidade assustadora para muitos, os altos índices de desemprego vitimam a sociedade brasileira. A assembléia dos bispos acaba de definir o desemprego como tema central da próxima Campanha da Fraternidade. Mas alguns brasileiros sempre viveram, em níveis nunca atingidos globalmente no País, a realidade do desemprego: as pessoas deficientes. Excluídos por excelência, os deficientes físicos, sensoriais e mentais enfrentam uma situação crônica e gravíssima de discriminação em matéria de emprego, em qualquer região, categoria ou área profissional. São milhões de pessoas para quem grande parte da sociedade sequer cogita da possibilidade do direito a um trabalho.

O trabalho é instrumento fundamental na realização de qualquer pessoa adulta. A possibilidade de um trabalho criativo - útil aos outros, fonte de renda para o atendimento de necessidades e gostos pessoais - é direito e aspiração de todos. O trabalho está entre um dos principais valores que permitem a uma pessoa deficiente adquirir e viver de forma autônoma. Nele manifesta-se também nossa necessidade e obrigação de servir aos demais. São motivos lícitos, legítimos e engrandecedores da realidade humana do trabalho.

Se é verdade que o mundo do trabalho tem integrado cada vez mais deficientes físicos e sensoriais, não tem sido o caso dos deficientes mentais. Milhares de desculpas, expressas ou tácitas, são apresentadas por empresas e familiares de deficientes: eles não entendem o trabalho, dão uma má imagem para a empresa, cometem muitos erros, não têm como integrar-se na cadeia produtiva, não existem vagas em que possam atuar, não são competitivos, reduzem a produtividade, seria arriscado para o deficiente, é perigoso etc.

Uma vez transcorrida a etapa educativa formal, a qual um número cada vez maior de deficientes têm acesso graças a inclusão escolar, é normal que encontrem uma ocupação, dediquem-lhe boa parte de

seu dia, realizando um trabalho de maior ou menor produtividade, como as demais pessoas. Hoje existem fórmulas paliativas de emprego para deficientes mentais: oficinas, centros especializados e até trabalho em empresa comum, sob coordenação de APAEs, por exemplo. Essas opções têm características e objetivos diferentes: manter a pessoa ocupada ou simplesmente entretida, realizar tarefas simples e até produzir bens para o mercado. Todos esses modelos são necessários pois preenchem um papel social importante, mas o que familiares e deficientes reivindicam é a inclusão social: participar plenamente da cadeia produtiva, em função do grau da deficiência e das características pessoais de cada um. Diante do quadro de desemprego no Brasil, a colocação das pessoas com deficiência mental no mundo do trabalho é um magnífico e desejado desafio. Ele ensaia a crença na capacidade dos deficientes e a demanda um apoio adequado da família e amigos para tentar essa experiência autônoma. Apoio para encontrar um emprego; para aprender e realizar as tarefas de sua responsabilidade; para adaptar sua vida a essa nova realidade social que inclui chefe, companheiros, horários, deslocamentos, direitos, deveres... para que os companheiros o aceitem, não o subestimem, nem superprotejam.

Como contribuir para abrir as portas do trabalho para as pessoas deficientes? Algumas horas semanais ou o dia inteiro, segundo as capacidades pessoais e as possibilidades reais das empresas, o fundamental é construir essa comunidade humana em sua diversidade e alteridade. O trabalho comum e ordinário deve ser fonte de satisfação, gratificação para todos e não uma desesperança ou um motivo de frustração. As empresas que empregam deficientes sabem a qualidade dessas pessoas e a contribuição inestimável e inédita que trazem ao mundo do trabalho. Parentes, amigos, colegas de trabalho e empresários vivem, mais uma vez, com surpresa e alegria, a frase do evangelho: "A pedra que os construtores rejeitaram, tornou-se a pedra principal (Mt 21, 42)".

Evaristo Eduardo de Miranda é doutor em ecologia, pesquisador do Núcleo de Monitoramento Ambiental da Embrapa e conselheiro da Fundação Síndrome de Down em Campinas